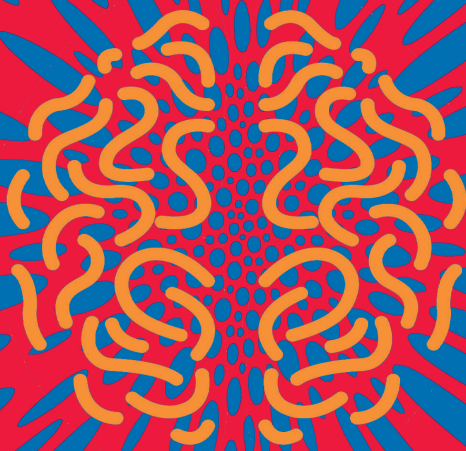


K U R T

PEQUENO-ALMOÇO  
DE CAMPEÕES

V O N N E G U T

Tradução de Miguel Cardoso



## Prefácio

A expressão «O pequeno-almoço dos campeões» é uma marca registada da General Mills, Inc., sendo usada num dos seus cereais de pequeno-almoço. O uso de uma expressão idêntica no título deste livro não pretende assinalar qualquer associação com a General Mills, ou qualquer patrocínio da sua parte, nem tão-pouco depreciar os seus excelentes produtos.

A pessoa a quem este livro é dedicado, Phoebe Hurty, já não está entre nós, como se costuma dizer. Quando a conheci, no final da Grande Depressão, era uma viúva em Indianápolis. Eu teria uns 16 anos. Ela andaria pelos 40.

Phoebe Hurty era rica, mas como na sua vida adulta se habituara a sair para o trabalho todos os dias úteis, assim continuou a fazer. Ela escrevia uma coluna de conselhos para enamorados, tão sensata como engraçada, no *Indianapolis Times*, que era um bom jornal, entretanto defunto.

Defunto.

Ela também redigia anúncios para a William H. Block Company, um armazém comercial que ainda hoje perdura e prospera num edifício que o meu pai projetou. Foi ela quem escreveu este anúncio de chapéus de palha para uma

campanha de saldos de fim de verão: «Por este preço, bem pode dá-los de comer ao seu cavalo, para que ele os deposite nas suas rosas.»

Phoebe Hurty contratou-me para escrever textos publicitários para marcas de roupa para adolescentes. Eu era obrigado a usar as roupas que elogiava. Ossos do ofício. Acabei por tornar-me amigo dos seus dois filhos, que tinham a minha idade. Passava a vida em casa deles.

Ela falava desbragadamente comigo, com os seus filhos, e até com as nossas namoradas, quando as levávamos lá a casa. Tinha muita piada. Era uma lufada de ar fresco. Ensinou-nos a sermos impertinentes não só quando conversávamos sobre questões sexuais, mas também sobre a história americana e heróis famosos, sobre a distribuição da riqueza, sobre a escola, enfim, sobre tudo.

Hoje em dia, ser impertinente é o meu ganha-pão. Não que tenha grande jeito para isso. Continuo a tentar imitar a impertinência que nela, em Phoebe Hurty, era tão graciosa. Creio agora que a graça lhe era mais fácil do que é para mim em virtude do estado de espírito da Grande Depressão. Ela acreditava naquilo que tantos americanos acreditavam na altura: que seríamos uma nação feliz e justa e racional, assim que alcançássemos a prosperidade.

Nunca mais ouvi esta palavra: *Prosperidade*. Costumava ser um sinónimo de *Paraíso*. E Phoebe Hurty acreditava que a impertinência que apregoava serviria de molde a um paraíso americano.

Hoje, o seu estilo de impertinência está na moda. Mas já ninguém acredita no paraíso americano. Tenho umas saudades danadas de Phoebe Hurty.

\*

Quanto à suspeita que expresseo neste livro, a de que os seres humanos são robôs, são máquinas: é importante notar que, quando eu era criança, as pessoas, e sobretudo os homens, que sofriam de *ataxia locomotora* nos estágios terminais da sífilis eram espetáculos comuns no centro de Indianápolis e em números de circo.

Essas pessoas estavam infestadas de minúsculos saca-rolhas carnívoros que só se conseguem ver ao microscópio. Depois de os saca-rolhas terem devorado a carne entre as vértebras, estas ficavam soldadas umas às outras. Os sífilíticos tinham, pois, um ar extraordinariamente digno — costas direitas, olhos em frente.

Certa vez vi um deles num passeio, na esquina da rua Meridian com a rua Washington, debaixo de um relógio suspenso que o meu pai tinha desenhado. O cruzamento era conhecido na vizinhança como «A Encruzilhada da América».

Esse tal sífilítico estava ali muito compenetrado, na Encruzilhada da América, a matutar em como fazer para que as suas pernas descessem o passeio e o transportassem até ao outro lado da rua Washington. Deu um ligeiro estremeção, como se tivesse dentro dele um pequeno motor ao *ralenti*.

O problema dele era o seguinte: os seus miolos, de onde partiam as instruções para as suas pernas, estavam a ser comidos vivos por saca-rolhas. Os fios que deviam conduzir as instruções já não estavam isolados, ou tinham sido roídos de ponta a ponta. Os interruptores que havia pelo caminho estavam emperrados na posição de ligado ou desligado.

O homem tinha um ar muito, muito velho, embora talvez tivesse só uns 30 anos. Pensava e voltava a pensar. E nisto deu dois pontapés no ar, como uma corista.

Aos meus olhos de rapaz, parecia uma máquina, sem tirar nem pôr.

Tendo a pensar nos seres humanos como tubos de ensaio enormes e maleáveis, com reações químicas a fer-vilharem lá dentro. Quando era miúdo, vi muita gente com bócio. Dwayne Hoover, o vendedor de *Pontiacs* que é o herói deste livro, também os via. Aqueles terráqueos desgraçados tinham glândulas tireoides tão inchadas, que parecia que lhes estavam a crescer curgetes na garganta.

Tudo o que eles precisavam de fazer para terem uma vida normal, veio a saber-se, era consumir menos de um milésimo de grama de iodo por dia.

A minha própria mãe estragou o seu cérebro com químicos que supostamente a ajudariam a dormir.

Quando estou deprimido, tomo um comprimidinho e fico logo mais animado.

E por aí fora.

Assim sendo, é uma grande tentação para mim, quando crio uma personagem para um romance, dizer que ela é como é por causa de algum defeito de fabrico ou devido a quantidades microscópicas de químicos que ingeriu ou deixou de ingerir neste ou naquele dia.

E o que acho eu deste livro em particular? A bem dizer, acho-o uma porcaria, mas eu acho sempre os meus livros uma porcaria. O meu amigo Knox Burger dizia-me a dada

altura, de um certo romance enfadonho, que «parecia ter sido escrito por Philboyd Studge». Pois é ele quem eu acho que sou quando escrevo o que aparentemente estou programado para escrever.

Este livro é o presente de aniversário que ofereço a mim mesmo pelos meus 50 anos. Sinto-me como se estivesse a passar a cumeeira de um telhado, tendo trepado por um dos lados.

Aos 50 anos, estou programado para me comportar de forma infantil: para injuriar o hino americano, rabiscar uma bandeira nazi e um cu e muitas outras coisas que tais com uma caneta de feltro. Para ficarem com uma ideia da maturidade das minhas ilustrações para este livro, eis o meu desenho de um cu:



Acho que estou a tentar varrer da cabeça toda a porcaria que tenho cá dentro: cus, bandeiras, cuecas. Sim, este livro inclui o desenho de umas cuecas. Também me vou desvencilhar de algumas personagens dos meus outros livros. Já não estou para montar teatrinhos de fantoches.

Acho que estou a tentar tornar a minha cabeça tão vazia como estava quando cheguei a este planeta arruinado, faz agora cinquenta anos.

Suspeito que isso seja algo que a maioria dos americanos brancos, e dos americanos não brancos que imitam os americanos brancos, deveria fazer. O certo é que as coisas que outras pessoas meteram na *minha* cabeça não jogam muito bem umas com as outras, são o mais das vezes inúteis e feias, são desajustadas entre si e desajustadas com a vida como ela realmente é, fora da minha cabeça.

Os meus miolos não têm cultura nem harmonia benevolente. Já não aguento viver sem uma cultura.

Este livro é, pois, um passeio cheio de porcaria, lixo que eu vou atirando por cima dos ombros enquanto viajo no tempo, de volta ao dia 11 de novembro de 1922.

Na minha viagem para trás no tempo, chegarei a uma época em que o dia 11 de novembro, que por acaso é o dia em que nasci, era uma data sagrada chamada *Dia do Armistício*. Quando eu era miúdo, e o Dwayne Hoover era miúdo, todas as pessoas de todas as nações que tinham combatido na Primeira Guerra Mundial ficavam em silêncio no décimo primeiro minuto da décima primeira hora do Dia do Armistício, que era o décimo primeiro dia do décimo primeiro mês.

Foi durante esse minuto, em 1918, que milhões e milhões de seres humanos pararam de se massacrar uns aos outros. Conversei com velhos que estavam no campo de batalha nesse preciso minuto. Eles disseram-me, cada um à sua maneira, que aquele silêncio repentino era a Voz de Deus. Ainda temos, pois, entre nós alguns homens que se lembram de quando Deus falou claramente com a humanidade.

\*

O Dia do Armistício transformou-se no Dia dos Veteranos. O Dia do Armistício era sagrado. O Dia dos Veteranos não é.

Assim sendo, vou atirar o Dia dos Veteranos por cima do ombro. Mas guardo o Dia do Armistício. Não quero atirar fora nada que seja sagrado.

E o que mais é sagrado? Ah, o *Romeu e Julieta*, por exemplo.

E a música, toda ela.

PHILBOYD STUDGE



# Capítulo 1

Esta é a história do encontro entre dois homens brancos solitários, magricelas e já bastante gastos num planeta que morria a olhos vistos.

Um deles era um escritor de ficção científica chamado Kilgore Trout. Na altura, era um zé-ninguém. Estava convencido de que a sua vida tinha acabado. Pois bem, estava enganado. Graças a este encontro, tornar-se-ia um dos seres humanos mais amados e respeitados da História.

O homem com quem ele se encontrou era um vendedor de automóveis, um vendedor de *Pontiacs* chamado Dwayne Hoover. Dwayne Hoover estava à beira de enlouquecer.

Ora ouçam:

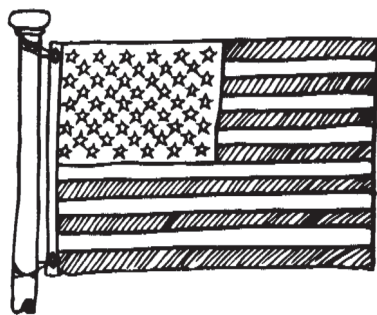
Trout e Hoover eram cidadãos dos Estados Unidos da América, um país que, para abreviar, era conhecido simplesmente como América. O seu hino nacional, que era uma treta de fio a pavio, como aliás tantas outras coisas que se esperava que eles levassem a sério, rezava assim:

*Ó, digam, conseguem ver, ao romper da alvorada,  
O que tão orgulhosamente saudámos nos últimos  
lampejos do ocaso,*

*Cujas largas listras e estrelas brilhantes, durante a luta  
arrojada  
sobre as muralhas, se espraíaram de modo garboso?  
E o clarão rubro dos foguetes, as bombas a explodir  
no ar  
Nos mostravam, noite fora, que a nossa bandeira iria  
perdurar.  
Ó, digam, se ondula ainda esse estandarte de estrelas  
cravado  
Sobre a terra dos livres e sobre o lar dos bravos?*

Existem mil bilhões de nações no Universo, mas a nação a que pertenciam Dwayne Hoover e Kilgore Trout era a única cujo hino nacional era uma algaraviada salpicada com pontos de interrogação.

A sua bandeira tinha este aspeto:



Nesta nação, era lei, uma lei que mais nenhuma nação no planeta tinha a respeito da sua bandeira, o seguinte: «*A bandeira não deve ser arriada perante qualquer pessoa ou coisa.*»

O arriar da bandeira era uma forma de saudação amistosa e respeitosa que consistia em trazer a bandeira, presa a um pau, até mais perto do chão e depois voltar a erguê-la.

*Pequeno-almoço de campeões* é um marco da ficção norte-americana do século XX, tendo confirmado Vonnegut como um dos escritores mais influentes do seu tempo. Uma história onde a imaginação ácida e impiedosa do autor se revela em pleno.

Narrativa frenética e desconcertante, sümula das obsessões do autor, composição da paisagem humana de uma certa América, veículo de transmissão de recados políticos e sociais: *Pequeno-almoço de campeões* condensa tudo isto numa história meticulosamente urdida para deleite do leitor. O núcleo deste romance é o escritor de ficção científica Kilgore Trout, uma das mais veneradas personagens de Kurt Vonnegut.

Numa das suas deambulações, Trout descobre, com horror, que Wayne Hoover, um bem-sucedido vendedor de carros, interpreta à letra as rocambolescas teorias apresentadas nos seus livros. E isso está a levá-lo à loucura. O que se segue é uma sátira deliciosa e inquietante sobre guerra, sexo, racismo, sucesso e política. O resultado é uma espécie de guia para entender o século XX. Com um mecanismo de revelações em camadas sucessivas, Vonnegut, um dos terráqueos mais divertidos de que há memória, apresenta-nos nada mais nada menos do que o planeta Terra, num romance brilhante e divertidíssimo, que o consagrou como um dos escritores mais instigantes do nosso tempo.



«O mais divertido dos intelectuais.»

Salman Rushdie

«Vonnegut dá roda-livre a todas as queixas sobre a América e faz com que pareçam cómicas e ultrajantes, detestáveis e apetecíveis.»

*The New York Times*

«O grande escritor americano do século, urgente e apaixonado, que nos oferece um modelo do pensamento humanista que ainda pode salvar-nos de nós próprios.»



George Saunders



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)

  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897849299



9 789897 849299 >